



Sinhô cordel

Polyanna Paz de Medeiros Costa
.....

1. Justificativa

Nos dias atuais é possível identificar o número de inovações que emergiram na sociedade, num mundo de constantes transformações em que a linguagem escrita é o caminho para o conhecimento e em que se revela a necessidade de formar sujeitos letrados.

Partindo da nossa realidade escolar, vivenciada pela turma do 8º ano A, da Escola Municipal Walter Dória de Figueiredo, do município de Rio Largo, no Estado de Alagoas, verificamos a necessidade de aprofundar no estudo da leitura e produção de texto do gênero “Literatura de cordel”.

Considerando esse romanceiro como patrimônio histórico do povo nordestino e tendo em vista a necessidade de despertar nos alunos o prazer pela leitura e de desenvolver a capacidade de interpretar o que leem, faremos uso de folhetos de cordel de vários cordelistas.

Sabemos que o cordel é uma das mais expressivas formas da cultura nordestina, por isso os textos cordelistas têm tudo para ser um grande aliado nas estratégias de leitura e compreensão de fatos da realidade. A partir do contato com a literatura de cordel, o aluno compreenderá que não há limite na escolha dos temas para a criação de um folheto.

O interesse em realizar o projeto deve-se, primeiramente, à receptividade que os alunos demonstram ter para com o gênero Literatura de cordel. Esse gênero é muito trabalhado na escola quando são realizadas gincanas e outras atividades extraclasse. Além disso, um fator determinante para trabalhar esse gênero está relacionado à comemoração do centenário da cidade de Rio Largo e do patrono da escola.

Esperamos, com o desenvolvimento desse projeto, ampliar os conhecimentos dos alunos e propiciar novas formas de aprendizagem. Dessa forma, o trabalho desenvolvido com o cordel proporcionará aos alunos a escolha de temas sobre os quais possam tomar partido criativamente e/ou criticamente.

2. Fundamentação teórica

O indivíduo se desenvolve e interage com o mundo utilizando suas múltiplas capacidades de expressão, por meio de variadas linguagens. O cordel, por ser um gênero textual muito difundido no nordeste brasileiro, é um grande aliado nas estratégias de leitura e compreensão de fatos da realidade.

No Brasil, cordel é sinônimo de poesia popular em verso (Marinho e Pinheiro, 2012). Essa literatura originou-se em Portugal por volta do século XVII e era escrita em folhas volantes, também denominadas “folhas soltas”. Como tinham aspecto rudimentar, os folhetos eram comercializados em feiras, praças e ruas, presas a um cordel ou barbante, já que esse modo facilitava a exposição. Alguns autores afirmam que esses folhetos eram vendidos por deficientes visuais.

Segundo Batista (1977, p. 3), nessas folhas soltas “registravam-se fatos históricos ou transcrevia-se igualmente poesia erudita”. Além disso, podiam ser observadas cenas de teatro (como o de Gil Vicente¹) e narrativas tradicionais, como a Imperatriz Porcina, Princesa Magalona e Carlos Magno.

No nordeste brasileiro, a literatura de cordel teve início sob a influência das histórias e dos contos de bois valentes, versejada por cordelistas. De acordo com Santos (2006, p. 73),

[...] o folheto estabelece uma via de transição entre uma realidade dura, muitas vezes dramática, e um mundo imaginário que lhe fornece as chaves da compreensão do real. Essa passagem servirá tanto para ligar o cotidiano ao sonho quanto para inserir a história maravilhosa na vida de todos os dias.

Quanto à estrutura, o cordel pode ser dividido em quintilha (cinco versos), sextilha (seis versos), setilha (sete versos), quadrão (oito versos²) e décima ou martelo (dez versos). Os motes dos cordéis são classificados como: desafios ou pelejas; religião, ritos e exemplos; banditismo; história e fatos reais; amor e aventuras; humorismo e sátira.

De modo geral, o tema apresentado é sempre de interesse popular e a ilustração da capa em xilogravura muitas vezes é feita pelos próprios poetas. Gravada em

1 Gil Vicente é considerado o primeiro grande dramaturgo português.

2 Nesse tipo há regras para as rimas: os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo, e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si. [N. E.]

madeira, depois estampada à tinta no papel, a xilogravura é uma técnica chinesa que chegou ao Brasil provavelmente com a Família Real Portuguesa. Essa técnica é de suma importância, já que representa graficamente crenças, valores e tradições sertanejas.

Para Medeiros (2002, p. 23),

a adoção da xilogravura na imprensa nordestina, principalmente no interior, foi decorrência dos altos preços e dificuldades de aquisição das pedras calcárias importadas, imprescindíveis à boa reprodução litográfica, técnica mais comum para a produção de baralhos, rótulos de cigarros, de remédios e de aguardente. O processo mais moderno de reprodução de imagens em zincogravura era, à época, demasiadamente caro para o sertão.

No Brasil, há muitos cordelistas famosos – Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, Cuíca de Santo Amaro, Apolônio Alves dos Santos, Arievaldo Viana Lima, José Costa Leite, Patativa do Assaré, entre outros. Os textos criados por esses cordelistas têm grande importância no processo cultural nordestino, visto que potencializa a compreensão da realidade não só local, mas também mundial.

3. Pré-projeto de práticas de letramento em sala de aula

3.1. Sequência didática

Objetivos

Geral: desenvolver a criticidade dos alunos com base na leitura e produção de cordéis.

Específicos:

- a)** reconhecer a importância da literatura de cordel como patrimônio histórico e cultural do povo nordestino;
- b)** identificar os temas explorados e analisá-los de acordo com o contexto social;
- c)** proporcionar a leitura de textos cordelistas, identificando ideias e recursos de expressão;
- d)** produzir cordéis.

3.2. Procedimentos metodológicos

Inicialmente, será realizada uma aula expositiva sobre literatura de cordel, destacando seu surgimento, a transposição para o nordeste brasileiro e a apropriação pela cultura popular. Além disso, por meio de pesquisas, os alunos identificarão os grandes nomes da literatura de cordel do nordeste e a importância dessas personalidades.

Para que o projeto seja trabalhado de acordo com os planos, serão desenvolvidas algumas atividades:

- leitura e discussão dos temas explorados pela literatura de cordel;
- palestra “Cordel na escola”, proferida pelo cordelista alagoano Jorge Calheiros;
- audição dos cordéis declamados pelo cordelista alagoano Demis Santana;
- entrevista com moradores antigos da cidade de Rio Largo para colher informações sobre o passado e o presente da cidade, costumes locais e pessoas ilustres; as informações colhidas servirão de base para os alunos produzirem cordéis com o intuito de resgatar a historicidade da cidade de Rio Largo; a turma será dividida em grupos, e cada grupo vai elaborar algumas perguntas;
- visita a bairros de Rio Largo para conhecer a estrutura física com o objetivo de enfatizar a arquitetura da cidade nos cordéis; os alunos só farão as visitas mediante a autorização dos pais;
- produção de textos cordelistas;
(Com base nas informações colhidas nas entrevistas, cada grupo irá produzir, na sala de aula, um cordel cuja temática esteja relacionada com a cidade de Rio Largo.)
- reescrita das produções textuais;
(Após a escrita dos textos, todos serão digitados e projetados no quadro-branco para que toda a turma possa visualizá-los. Faremos a leitura em voz alta e procederemos à correção observando os aspectos macro e microestruturais.)
- desenvolvimento da arte pelo processo de xilogravura ou desenho manual;
- elaboração de ofício para ser enviado à CBTU, visando a autorização para os alunos apresentarem o cordel dentro do VLT (veículo leve sobre trilhos);
- leitura dos cordéis elaborados pelos alunos, no centro da cidade, no VLT e no Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares;
- elaboração de um *blog* da turma para alimentá-lo com os cordéis.

3.3. Procedimento de acompanhamento e avaliação

Processual, formativa e mediadora, considerando os aspectos quanti-qualitativos, procurando despertar o conhecimento prévio dos alunos e aqueles adquiridos durante o projeto. Além disso, consideraremos as apresentações orais dos cordéis e a receptividade da comunidade local aos textos.

4. Referências bibliográficas

- BATISTA, S. N. *Antologia da literatura de cordel*. Fundação José Augusto, 1977.
- COSTA, P. P. M. *A contribuição do cordel no processo de aprendizagem de alunos do 9º ano na escola pública municipal de Novo Lino*. Disponível em <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais>>. Acesso em 18 de maio de 2015.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2003.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 2002.
- MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- NETO, A. F. *Cordel e a ideologia da punição*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- MEDEIROS, I. (org.). *No reino da poesia sertaneja*. João Pessoa: Editora Universitária, 2002.
- SANTOS, I. M.-F. *Memórias das vozes: cantoria, romanceiro & cordel*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.
- SOUSA, L. M. *Classificação popular da literatura de cordel*. Petrópolis: Vozes, 1976.